

CONSIDERAÇÕES: A MÍSTICA E O MST

Fabiano Coelho

Na tentativa de buscar estabelecer algumas considerações acerca da prática da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), torna-se importante, a princípio, traçar breves reflexões sobre a criação e desenvolvimento deste movimento social. Cabe ressaltar, que as reflexões aqui apresentadas, são frutos de uma pesquisa em andamento ¹.

Oficialmente, o MST surge em 1984, após um Encontro de Trabalhadores Rurais na cidade de Cascavel – PR. Contudo, não se pode esquecer que muitas ações de trabalhadores rurais sem-terras já vinham sendo organizadas desde fins da década de 1970, em especial na região Sul do país. Para além do campo, em diversas cidades, também eclodia muitos movimentos sociais, que objetivavam lutar por direitos sociais que lhes eram negados.

Sobre a organização e resistência de trabalhadores rurais sem-terra, anterior a criação do MST, destaca-se o movimento que ocorreu no Rio Grande do Sul, chamado Encruzilhada Natalino. Entre os anos de 1980 e 1982, na região de Sarandi, o acampamento Encruzilhada Natalino marcou a luta pela reforma agrária no país. Mais do que isso, demonstrou ao Estado e a sociedade em geral, o poder de organização e maturidade política dos sujeitos, que antes eram tidos como inertes, por aqueles que dominavam e detinham o poder naquela região.

No entender de Telmo Marcon (1997), a organização e a luta dos sujeitos que compunha o acampamento Encruzilhada Natalino, destaca-se como de fundamental relevância para o retorno com mais

¹ Como aluno do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), desenvolvo uma pesquisa intitulada “Práticas e Representações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: a mística e a luta pela terra no acampamento Madre Cristina no Alto Paraná”. As reflexões apresentadas neste texto são as primeiras considerações da pesquisa.

intensidade da luta pela terra no Brasil, e na própria formação do MST. Neste sentido, “O acampamento da Encruzilhada Natalino, pelas suas especificidades espaço-temporais, é impar em relação aos organizados posteriormente. Ele se constitui um marco fundamental para a retomada da luta pela reforma agrária, pois recolocou em discussão a concentração fundiária no estado, bem como as políticas agrárias implementadas pelos governos militares no sentido de eliminarem os focos de tensão social no campo pela transferência dos agricultores sem-terra ou dos pequenos proprietários para as regiões de fronteira agrária e agrícola” (MARCON, Telmo. 1997, p. 26).

No refletir sobre questões inerentes a criação do MST, torna-se necessário, pensá-lo na perspectiva que o mesmo não estava desconfigurado com sua época. O Brasil, desde o Golpe Militar de 1964, vivia sobre a repressão e intolerância dos militares e seus simpatizantes. Com uma política voltada para classe dominante e para o capital estrangeiro, a situação no campo, para os pequenos produtores e para aqueles que dependiam da terra para trabalhar e sobreviver, piorou muito. Houve, principalmente a partir da década de 1970, a intensificação do chamado processo de “expropriação e exploração” no campo ².

Eder Sader (1988) descreve que as décadas de 1970 e 1980 foram marcantes para a história do país. Nesta época surgiam os “novos” ³ atores sociais, os quais começaram a reivindicar seu primeiro direito, que era o direito de reivindicar. Nesta direção, na gestação da década de 1970 houveram manifestações de diversos movimentos sociais, cada qual com suas especificidades, com suas linguagens, procedências locais, valores que professavam, indicando a emergência de novas consciências coletivas. “Tratava-se de uma

² Para compreender melhor sobre o processo de expropriação e exploração, ver as obra de José de Souza Martins: “**Expropriação e Violência**: a questão política no campo. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991”

³ Coloca-se aqui entre aspas a palavra “novo” porque entende-se os indivíduos que formavam os movimentos sociais já existiam. Eles apenas não haviam se manifestado em suas lutas. As ações dos sujeitos poderiam ser novas, contudo não se pode negar que os mesmos já existiam.

novidade no real e nas categorias de representação do real” (SADER, Eder. 1988, p. 27).

É possível dizer que os movimentos sociais que emergiram naquele período efetuaram uma espécie de alargamento do espaço da política. Assim, “rechaçando a política tradicionalmente instituída e politizando questões do cotidiano dos lugares de trabalho e de moradia, eles ‘inventaram’ novas formas de política” (SADER, Eder. 1988, p. 20). Muito mais do que protestar contra a situação imposta aos sujeitos, na medida em que a realidade social não é natural, mas sim construída, e de inovar nas formas de fazer política, os movimentos sociais contribuiriam simultaneamente para uma luta mais ampla, figurada no processo de redemocratização do país.

No campo, esse aprimoramento e crescimento dos movimentos sociais ficavam evidenciados, segundo Ariel José Pires (1998), nas ações do MST. Do mesmo pensamento corrobora Bernardo Mançano Fernandes (1998), quando diz que o processo de luta e resistência que marca o MST está na sua postura contra a expropriação e exploração decorrente do desenvolvimento do capitalismo. O Movimento ⁴, na sua compreensão, faz parte de um movimento histórico, de embates que aconteceram antes de sua criação oficial. Por isso para Fernandes, o MST foi gestado em um espaço social já conquistado pelas diversas lutas populares no país. “O MST é parte de um movimento histórico da luta camponesa do Brasil. Desde Canudos, Contestado, Porecatu, Trombas e Formoso, os camponeses vêm lutando pelo direito a terra. Chegam ao final do século XX sem ainda ter conquistado, em sua plenitude este direito” (FERNANDES, Bernardo Mançano. 1998, p.26).

Ao estudar o processo histórico que culminou na criação do MST, não se pode negligenciar o papel significativo da Igreja Católica e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, sendo que a

⁴

Quando se escreve Movimento com letra “maiúscula”, está se referindo ao MST.

primeira teve provavelmente uma participação mais efetiva com os chamados “progressistas”, adeptos a “Teologia da Libertação”.

No final dos anos de 1960, Fernandes (1998) mostra que surgiu um fato novo no Brasil. A Igreja se engajou a uma socialização política, na questão da terra. Este autor comenta que o tipo de propriedade que o Estado defendia não era o tipo de propriedade que a Igreja estava defendendo. Neste aspecto, José de Souza Martins descreve que: “A Igreja começa a trabalhar o problema não na expectativa da acumulação, mas na perspectiva da distribuição. É isso que vai marcar toda a posição dela até hoje, trabalhar com a idéia de pobre e pobreza, e não com a idéia de acumulação que é o que está presente muitas vezes nas posições de partidos políticos de oposição, os partidos de esquerdas em geral (MARTINS, José de Souza. 1986, p. 68).

O MST, por sua organização e alcance em suas atuações se firmou como um dos movimentos sociais mais expressivos na luta pela terra no país, se não for o mais expressivo. Na sua trajetória de existência é possível perceber que o Movimento foi se transformando. Cristiani Bereta da Silva (2004), fala desta mudança quando diz que o MST, desde 1984, foi redimensionando seu projeto político e social, tomando outras formas. O que não significa a perda de, suas características, mas a incorporação de novas frentes, ampliando aquelas que propiciaram sua gestação.

Nas leituras de alguns materiais impressos pelo MST, e de trabalhos sobre o Movimento, produzidos nos últimos vinte anos, compreende-se que o Movimento, em sua trajetória de lutas, vem construindo outras preocupações para além da terra. A saúde, saneamento básico, educação, dentre outros elementos básicos para se viver nos assentamentos, passaram a integrar, junto à reforma agrária, as reivindicações do MST. Os discursos foram sendo modificados de acordo com o desenvolvimento político e ideológico de

suas lideranças. Assim, seria uma idéia desprovida de sentido pensar que o MST dos anos de 1980 é o mesmo do século XXI.

Acredita-se, que no ano de 1984 concretizou-se o nascimento dos sujeitos “sem-terra” com letra “maiúscula”, o que diferencia os indivíduos pertencentes ao MST de outros movimentos sociais que lutam pela terra. Ou seja, ao fazer parte do MST, os sujeitos seriam um “Sem-Terra”, o que lhe concebe certa identidade com o Movimento. Tendo como objeto de análise este movimento social, observa-se que o mesmo possui algumas peculiaridades em sua organização e em suas estratégias de luta, que o diferencia de outros movimentos sociais rurais.

Um aspecto que chama a atenção em sua organização e em suas ações, diz respeito a uma prática cultural específica deste Movimento. Na análise de materiais impressos pelo MST, observou-se que há um elemento muito valorizado em seu interior, que ajuda a organizar e “animar” os sujeitos sem terra – este elemento é a Mística. Na publicação do MST “Como Organizar a Massa”⁵ há um capítulo específico a respeito da mística. Nele observa-se que desde o surgimento do MST a direção nacional manteve a preocupação de desenvolver uma mística própria que contribuísse para a organização. Mas o que vem ser a mística? Qual o seu papel dentro do Movimento? Será que ela pode ser algo relevante para a conquista da terra?

Visando um melhor entendimento, é preciso buscar entender o que significa mística e o que se pode atribuir ao seu conceito. Conforme o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), mística se refere a: “1. O estudo das coisas divinas ou espirituais. 2. Vida religiosa ou contemplativa; misticismo. 3. Crença ou sentimento arraigado de devotamento a uma idéia, causa, clube, etc. 4. Essência doutrinária: a mística liberal.” Observando as

⁵
São Paulo. 1991.

definições deste dicionário, logo, nota-se que a palavra mística está enraizada em um âmbito religioso, ligada ao mistério.

Ademar Bogo, na escrita de seu texto “Como melhorar nossa mística” ⁶, no caderno de formação N° 27, destaca que o conceito original da palavra “mística” está vinculada a questão religiosa. Entretanto, relata que no MST é materializada e usada em um sentido político.

No entender de Leonardo Boff ⁷, mística se refere à percepção daquilo que está escondido, não comunicado à realidade, que não se evidencia no limite da razão, mas no ilimitado dela. A direção nacional do MST define a mística como um conjunto de motivações que impulsionam a luta “para frente”, tendo ela a responsabilidade de “reduzir a distância entre o presente e o futuro, fazendo-nos viver antecipadamente os objetivos que definimos e queremos alcançar” ⁸.

O pesquisador Bernardo Mançano Fernandes, que tem se dedicado a estudar o MST e a questão agrária no Brasil, sintetiza o que seria a prática da mística no MST. Segundo suas palavras: “Mística é um ato cultural e político desenvolvido por meio de diversos rituais. É quando os sem-terra expressam suas leituras das realidades vividas, por meio da poesia, da música, da mímica, da pintura, da arte em geral. É também uma forma de linguagem dos iletrados que constroem suas expressões, se comunicam e se interagem na construção da consciência da luta pela terra” (Fernandes, Bernardo Mançano. Pequeno Vocabulário da Luta pela Terra. Inédito).

Observa-se, então, que a mística para o MST é tida como uma espécie de ritual e celebração, que acontece de diversas maneiras e com sentidos variados. Sua prática se dá nos mais variados lugares, seja nos acampamentos, nos assentamentos, em encontros,

⁶ BOGO, Ademar. **Como Melhorar nossa mística**. Caderno de Formação n. 27, 1998.

⁷ BOFF, L. **Alimentar nossa mística**. Caderno de Formação n. 27, 1998.

⁸ MST – Direção Nacional. **Como Organizar a Massa**. Gráfica Perez. São Paulo. 1991. p. 34.

congressos e nas diversas manifestações que o MST empreende. Ela é uma prática de valorização de luta pela terra em seus diversos sentidos, em forma de teatro, expressa em músicas, poesias, diversos símbolos, e outros elementos.

Pelo que se observa a prática da mística acompanha o MST desde sua criação. De acordo com Cristiani Bereta da Silva (2004), a mística no Movimento vem sendo praticada desde as suas primeiras mobilizações, e que sua prática teve como principais incentivadores os padres que apoiavam e prestavam assessoria ao MST, quando de seu surgimento como movimento social. Assim como outras práticas, a mística foi sendo sistematizada e ganhou onipresença dentro do Movimento. Nesta perspectiva, será que a mística enfatizada pelo MST pode ser uma herança da influência da Igreja em sua formação?

Os principais coordenadores ⁹ do Movimento, em diversas publicações e entrevistas, reconhecem o papel fundamental da Igreja, em especial de alguns agentes religiosos, na formação e desenvolvimento do MST, sobretudo em seus primeiros anos. Ao fazer inferências sobre como a prática da mística se adentrou, e foi ganhando espaço na estrutura organizacional do MST, alguns coordenadores nacionais e regionais como João Pedro Stédile e Ademar Bogo, destacam que a mística praticada pelo Movimento teve influências do trabalho eclesial. Portanto, com o amadurecimento político do MST, sua prática foi sendo redimensionada, ou seja, deixando enfaticamente o aspecto religioso, e partiu rumo a uma prática essencialmente política.

Torna-se significativo destacar que Silva (2004) propõe a mística com uma visão próxima do sentido empregado por Leonardo Boff. Sentido este que vai além do aspecto religioso, se dimensionando também à esfera sócio-política. Nas palavras de Boff,

⁹ Entende-se por “Coordenadores”, lideranças do Movimento, assim definidas, pelo fato de que no MST, em sua estrutura organizacional, não trabalhar na perspectiva de “lideranças”, pelo menos formalmente. Suprimindo o termo “líder”, acredita-se não idealizar algumas pessoas. É usado o termo “Coordenadores”, para aqueles sujeitos que estão na frente de algumas atividades no Movimento, no intuito de dar uma maior conotação de coletividade.

a prática da mística no MST pode ser entendida como “conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimenta na vontade de mudanças, ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos”¹⁰.

Remetendo-se as palavras de Silva (2004), esta faz uma discussão considerável acerca da mística para além do carácter religioso. Nesta perspectiva, ela teria uma função político-religiosa na organização do Movimento. Ao lado dos códigos disciplinares, ela seria uma das mais relevantes estratégias do MST para o engajamento dos sujeitos nas lutas.

Para aqueles que observam a prática da mística apenas como uma mera apresentação, ela não tem muito sentido e significado. As apresentações ficam relegadas apenas ao plano da beleza, estética ou da arte. Entretanto, para o MST e para os indivíduos que o integra, a mística se configura como algo essencial na luta pela terra e, nas pelepas cotidianas.

A mística é pensada pelo Movimento como parte de sua organização interna. Logo, entende-se que sua prática, para além de simples apresentações, também pode ser encarada como mais uma estratégia de luta do MST. A observação/participação, e o sentir dos sujeitos face a apresentação de uma mística, fazem com que eles se remetam aquele momento com tanto entusiasmo, como se ela fosse indispensável, não só para eles, mas também contribuindo para a própria resistência do MST. É na mística que estão também elementos essenciais para o fortalecimento da força coletiva, na luta pela reforma agrária e na efetivação de mudanças sociais.

Referências Bibliográficas

¹⁰ BOFF, L. **Alimentar nossa mística**. Caderno de Formação n. 27. 1998, p. 37.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Gênese e Desenvolvimento do MST**. Caderno de Formação n. 30. Editora Perez. São Paulo. 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. ampl., 29. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1099.

MARCON, T. **Acampamento Natalino**: história de luta pela reforma agrária. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência**: a questão política no campo. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **A Reforma Agrária e os limites da democracia na "Nova Republica"**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

PIRES, Ariel José. **A cruz como imagem e símbolo na luta pela terra**. Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá. Maringá: trimestral- vol. 2 n. 3 – jul/ago/set, 1998.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências, falhas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Cristiani Bereta da. **Homens e Mulheres em Movimento**. Relações de Gênero e Subjetividades no MST. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

